



Rascunhos *CULTURAIS*

Textos ficcionais





Na casa branca

Para Eliene e Doêmia

Achei você no meu jardim/Entristecido/ Coração partido/
Bichinho arredo/ Peguei você pra mim/ Como a um bandido/
Cheio de vícios/E fiz assim, fiz assim/ Reguei com tanta
paciência/ Podei as dores, as mágoas, doenças/ Que nem as
folhas secas vão embora/ Eu trabalhei/ Fiz tudo, todo meu
destino/ Eu dividi, ensinei de pouquinho/ Gostar de si, ter
esperança e persistência/ Sempre/ A minha herança pra você/
É uma flor com um sino, uma canção/ Um sonho, nem uma
arma ou uma pedra/ Eu deixarei/ A minha herança pra você/
É o amor capaz de fazê-lo tranqüilo/ Pleno, reconhecendo o
mundo/O que há em si/E hoje nos lembramos/Sem nenhuma
tristeza/Dos foras que a vida nos deu/ Ela com certeza estava
juntando/ Você e eu

(Vanessa da Mata, Uma herança: uma flor)

A minha diáspora começou há muito, que já nem me é recorrente à memória; meu veio ancestral ficou perdido em alguma parte de uma cidade nordestina. Recordo-me que, ao ver pela primeira vez a obra *Retirantes*, de Portinari, vi-me no colo de uma das mulheres representadas. Era minha mãe. Tampouco me lembro quando nos perdemos. A nossa estrada nunca mais se uniu depois que se bifurcou. Não sei se os nossos caminhos vão se encontrar algum dia. Hoje, tenho vestígios, restos, fragmentos, ficções de memória; as ficcionalizo, (re) invento, (re) construo na tentativa de lograr minha própria história, de me perpetuar como sujeito inserido.

Eu vim para uma cidade que não me pertencia, vivi o estranhamento; era o outro no interior do não-lugar, do interstício (dou esse nome porque eu não o reconhecia... eram minhas fronteiras culturais, idiossincráticas e sentimentais, que se alargavam para o além de...). O além ou a fronteira “é o lugar a partir do qual algo começa a se fazer presente”, o novo. Na esteira dessas palavras, deu-se minha nova vida, eu nascendo de novo. Talvez seja justamente por isso que meu sobrenome (árvore genealógica), data de nascimento também sejam representações ficcionais.

Havia uma dor latente no peito, disseram-me que era saudade, a ausência de... Mas como tal sentimento me invade se não tenho memórias que traduzem a falta que sinto? Eu anseio, na realidade, o que não vivenciei.

Nem tudo é anamnese, lembro-me de uma casa branca: sala espaçosa, beliches, quintal grande com grama e árvores... Brincávamos à tarde, depois da escola. Algumas senhoras nos chamavam para o banho e o jantar; faziam o papel de mães. Sabíamos que não eram, mas as aceitávamos como tal para preencher o nosso vazio rodeado de lembranças inventadas

Notava que às vezes a casa ficava cheia: rostos novos, olhares interrogativos, pensamentos postos em tantos lugares, resquícios de uma pequena vida esparsada; algumas tentavam um sorriso efêmero. Em outros momentos, a casa branca se esvaziava. O silêncio era sepulcral! As brincadeiras, os gritos, os cochichos noturnos, os risos abafados na hora do jantar, a disputa pelo melhor lugar na sala de televisão, cessavam. Era visível o sorriso no olhar dos que iam; também eu sorria a alegria dos meus “irmãos” para sufocar o choro antigo dentro de mim.

Sei que pareço angustiado e vitimado, ora por mim mesmo, ora pela vida. Mas sou eu, apenas eu, eu conheço e sempre soube de minha condição ficcional empreendida para construir minha memória. Eu a

construo com escombros, dejetos, entulhos, sobras de carinho, abraços e afeto. Não quero ser ingrato com o que me deram, apenas sinto que não me pertencia de todo. Sentia que não pertencia a ninguém, que meus pertencentes perderam-se. Sou um ser fragmentado pela ruptura, perda, ausência. As minhas ausências sempre tão presentes. Também tinha a impressão que de fato era feliz porque “a maior felicidade é quando a pessoa sabe porque é que é infeliz”, escreveu Dostoievski. A minha nostalgia, melancolia materializavam-se a tal ponto, que podia tocá-las com o dedo indicador.

Foi pesado demais para mim.

Voltando à casinha branca. À noite quando tudo era vazio, escutava o ruído do avião, meus pensamentos o seguiam. Eu elucubrava: onde estaria o início do meu ‘eu’, da minha história, da minha vida... Gostava de pensar que o avião poderia me levar a essas instâncias.

Foi nesta época de muita solidão (naquele tempo nem sabia o que era, apenas a sentia no peito) em que uma das mães aproximou-se de mim, com olhar meigo, e me disse: “Te trouxe uma coisa!” Senti uma alegria, passaram milhares de objetos por minha cabeça. Era um livro. Que frustração! Acho que percebeu, em mim, a decepção, mas não fez caso e me falou: “Sei que vai gostar”. Coloquei-o debaixo do travesseiro.

Em uma noite qualquer passou o avião de sempre, dissipando meus pensamentos costumeiros. Resolvi pegar o livro. Olhei a capa. O nome do autor me pareceu tão raro. Iniciei uma leitura à revelia. Aos poucos fui inteirando-me de um príncipe solitário que vivia num mundo pessoal, apenas seu... Quanta solidão! As noites passavam e eu seguia com a leitura... Eu lia acerca daquela vida alheia, mas para mim não era outra, senão a minha. Engraçado como pensamos estar lendo o outro, quando na realidade estamos lendo a nós mesmos.

Quando todos deixavam a casa branca ou nosso mundo próprio, tornava-me o príncipe solitário, senhor de um mundo só meu, soberano. Eu, outra vez, comigo.

No entanto, um eco de sobrevivência existia em mim. Ainda hoje não sei de onde provinha. Tenho uma possível explicação: Certa vez, minha professora levou a mim e aos outros alunos ao cinema, não me lembro o nome do filme; nunca mais consegui vê-lo, mas uma frase ficou gravada em minha memória: “Há um Deus especial para as crianças”. Que Deus era esse? Será que se eu dissesse que queria ter casa, mãe, pai, irmãos, Ele me ouviria? Quis dizer a Ele tudo, tudo... Fazer minhas queixas e reclamações, expor as injustiças sofridas, os meus dissabores.

Perguntei a uma das mães: “É verdade que existe um Deus só para as crianças?” Respondeu-me com uma mansidão no rosto: “Se existe um Deus separado para vocês, eu não sei. Mas sei que se você pedir, te dará porque ouve mais as crianças”.

Livro sob o travesseiro e orações para um Deus só meu, que me ouviria, me atenderia...

Continuei com a leitura, não foi apenas uma. A primeira foi linear; as outras, confesso, não tiveram sequência, lia páginas marcadas, passagens, frases isoladas (mas havia, para mim, muito sentido). O livro me entretinha mais do que poderia imaginar; a “mãe” tinha razão, ela sabia que eu iria gostar. Foi por intermédio da personagem-príncipe, que aprendi a (con) viver com a presença dos baobás, mas convinha a mim, não deixá-los grandes a ponto de sufocar meu pequeno mundo. Também foi com ele que passei a valorizar as coisas que antes me pareciam tão banais... Passei a ficar encantado com o ruído que os pássaros faziam nas árvores do quintal grande; passei a olhar o sol de manhãzinha pela janela do quarto, seus raios são encantadores; um beija-flor na flor; os desenhos de nuvens; a lua; um olhar...

A casa branca ficou por muito tempo vazia, era meu mundo particular. Também não havia visitas; eu era o príncipe, soberano-solitário de um mundo só meu. Que inquietação! Que desassossego! Tudo me era tão entediado. Meus dias eram horripilantemente, assustadoramente todos iguais.

Já não acreditava mais... havia aceitado minha condição de não-pertencer. Mas nunca deixei de falar com o meu Deus, o das crianças. O livro não saía mais debaixo do travesseiro, era meu melhor amigo, sempre fiel, nunca se incomodava quando eu queria conversar, mesmo nas noites de chuva em que perdia o sono...

Lembro-me que naquela época, tinha sonhos repetidos, recortados, sem seqüência nem enredo definidos. Nesses sonhos, sempre aparecia voando, brincava com as nuvens, voava em alta velocidade, ninguém me alcançava. Sentia-me tão leve, esquecia meu fardo, ele nem existia; *a insustentável leveza do meu ser* era substituída por matérias que não se podem mensurar, pesar... de tão leves, desapareciam. Ficava assim, esparsado nas nuvens brancas, formando uma atmosfera barroca, não pelo excesso ou exagero, mas por não saber o que era nuvem e o que era eu, imbricávamos, éramos apenas um.

Numa tarde costumeira, entediado pela rotina, uma das mães (acreditávamos que era a mais importante, a roupa dela era diferente das outras) sentou-se ao meu lado, no sofá da sala de televisão, e disse: "Você já está na casa há tanto tempo, faz parte de tudo aqui; nunca entendemos o porquê de sua permanência". Eu a ouvia sem grandes pretensões, e pensava: Estou aqui todo esse tempo porque não querem crianças crescidas. Os afetos que devo ter em alguma parte do meu ser nunca me foram solicitados... acho que nunca quiseram. "Ontem tivemos uma visita de um casal que soube por alguém de você", continuou dizendo. Souberam de minha existência na casinha branca; que na minha idade, as estatísticas são desfavoráveis; que posso ser visto como dono de um caráter invasivo, agressivo, nostálgico... "Eles querem falar com você, na realidade, gostariam de tê-lo como filho", falou-me. Eu já nem pensava mais nisso, já tinha internalizado o estar-fora, ou o estar naquele mundo só meu.

Depois das apresentações formais, continuei minha diáspora, já não me agredia os contornos que a vida dava ao redor de mim.

Tudo se centrava na tentativa de preencher nossos vazios. Nossos? Sim! Meu e do casal que propunha a representação do rito familiar.

Há muitos anos vivi essa história montada com tantos recortes, roubos, grilagem, cópias de histórias alheias, na tentativa de construir a minha. Sou constituído pelos sentimentos que permearam minha infância: a ausência, o vazio, o sulco, o estar fora, o não-pertencer... A casa branca, meu mundo, onde era o príncipe foi substituída por outra. Da minha cadeira de balanço, vejo que me constituo no veio ancestral para outros.

Flávio Adriano Nantes Nunes

Escritor e professor assistente do curso de Letras da UFMS/CPCX